



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
*Praça dos Restauradores, 43 a 49*  
LISBOA

## A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

**HAMBURGO — PORTO — LISBOA**  
**ANTUERPIA — PORTO — LISBOA**  
**LONDRES — PORTO — LISBOA**  
**LIVERPOOL — PORTO — LISBOA**

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'África, etc.

Promptifeca-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**

## Ultimas Novidades Musicaes

DA

## CASA LAMBERTINI

<b>Vieira</b> — Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes (2 volumes).....	Rs. 4\$000
» Diccionario musical .....	» 1\$800
<b>V. Hussla</b> — 4. <sup>a</sup> Rapsodia Portugueza .....	» 1\$000
<b>Furtado</b> — Zininha (valsa) .....	» 500
<b>Pereira</b> — Natus est Jesus (canto).....	» 500
<b>Mantua</b> — Pas de quatre.....	» 500
<b>Oliveira</b> — Caldas-club (Pas de quatre).....	» 500
<b>Mantua</b> — P'ra inglez ver (valsa).....	» 500
» Grata (valsa).....	» 500
<b>Rover</b> — Arte Nova.....	» 500
<b>Pinto</b> — Confidence (valsa).....	» 500
<b>Mackee</b> — Honey Moon (valsa).....	» 500
» Caressante (valsa).....	» 500
<b>Brinita</b> — Romance sans paroles .....	» 600
» Menuet .....	» 400
<b>Bellando</b> — Melodia Romantica .....	» 400
» Nostalgia.....	» 400
<b>Bomtempo</b> — Chrisantème (menuet).....	» 500



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)  
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL.  
**Publicação quinzenal de musica e theatros**  
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.  
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).  
 BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE  
 PARIS—334, RUE S. T HONORÉ  
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LOWE  
 PINEAD.

LAMBERTINI  
 Fornecedor da Casa Real  
 UNICO DEPOSITARIO  
 DOS  
 CELEBRES PIANOS  
 DE  
**BECHSTEIN**

**A. ALABERN**  
 OFFICINAS DE  
 Photogravura e Zincographia  
 Avenida D Amelia. 13—15—17  
 (Ao Intendente)

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afniação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

LISEOA

Redactor principal e editor

*Michel'angelo Lambertini*

Rua da Assumpção, 18 a 24

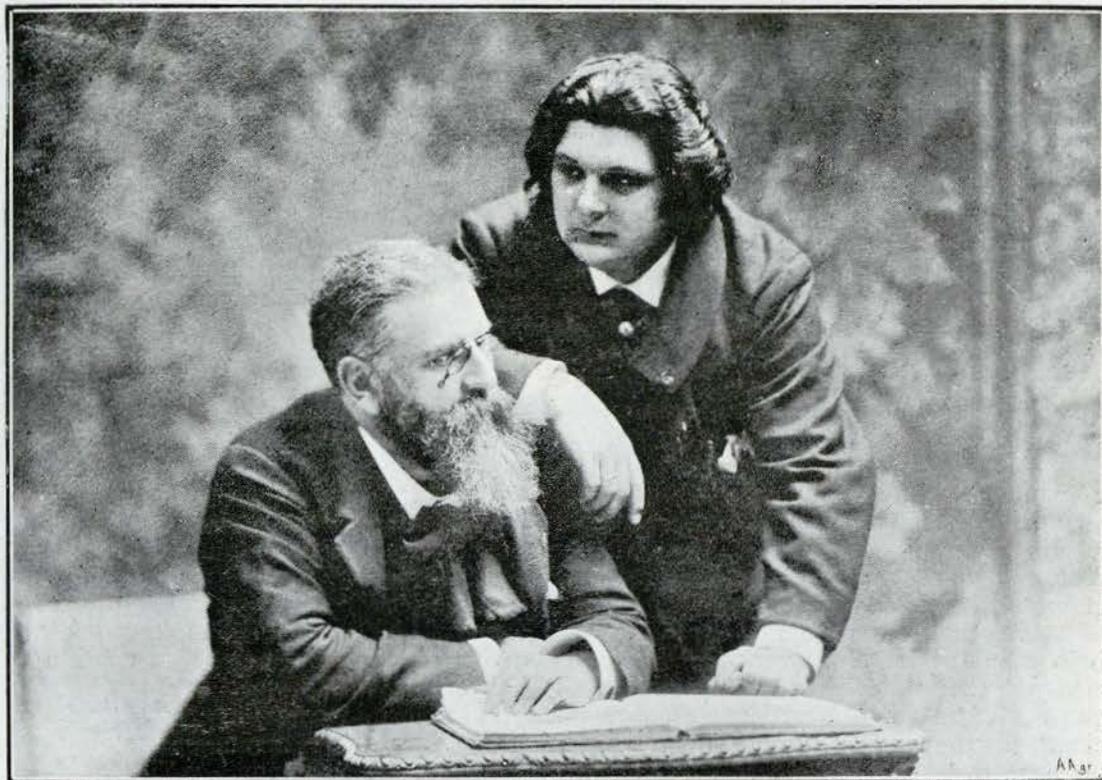
*Ernesto Vieira*

SUMMARIO — Festival-Pugno-Ysaye — Acção dos raios X sobre os violinos — Argumentos de operas (Siberia) — Concertos — Emil Sauer — Theatro de S. Carlos — Noticiario.

## Festival Pugno-Ysaye

Raoul Pugno nasceu em 1852 em Paris:  
Eugene Ysaye em Liege em 1858. A esta

qualidades technicas, Pugno e Ysaye, reunidos, completam se, fundem-se na interpretação das obras que executam, por fórma que a sua camaradagem artistica já está consagrada nos grandes centros musicaes, e a fama dos seus triumphos assignala-lhes in-



menção obrigatoria em biografias, sujeitas ao molde classico, nos teriamos exhimido, se não quizessemos justificar com datas precisas que estamos em presença de dois artistas no pleno vigor da vida. Dotados, um e outro, de rara intelligencia artistica, possuindo no mais alto grau uma grande intensidade d'expressão, alliada ás maximas

discutivelmente um dos (mais proeminentes logares na musica) d'ensemble.

Raoul Pugno desde muito cedo se habituou ás aclamações do publico. Debutante aos 10 annos não se deixou dominar por vaidades, que tão frequentemente atrophiam os talentos precoces, e dedicando-se ao estudo profundo da musica, sob a direcção dos

maiores mestres do Conservatorio de Paris — Durand, Benoit, Mathias e Ambroise Thomas — conquistou os primeiros premios de composição e piano, em que alcançou uma tal superioridade, que lhe foi facil iniciar depois a sua carreira de concertista, professor e compositor.

E' sob este triplice aspecto que deve ser considerado este grande artista da moderna escola franceza.

Os estudos classicos, seguidos com um methodo e perseverança nunca desamparados, asseguram-lhe uma elevada comprehensão e interpretação dos grandes mestres do passado; a sua orientação, parallela ao grande movimento, que nos ultimos trinta annos deu ás escolas francezas um logar consideravel na historia da musica, fez do grande pianista um executante extraordinario dos novos compositores francezes, podendo, sem vislumbre d'exageração, afirmar-se que Pugno é inexcedível quando interpreta as obras culminantes de piano, escriptas por Saint Saens, Lalo e Cesar Franck. Em seguida a um concerto dado pelo grande artista em Paris, em Abril de 1903, escreviamos em carta dirigida á *Arte Musical*: «R. Pugno é um grande pianista, posso affirmar-o sem que haja o menor exagero em o classificar assim, e em dizer-lhe até que é um dos maiores pianistas da actualidade, porque se reúnem n'elles muitas e complexas faculdades, que, repartidas, fariam a felicidade de muitos artistas. A esse vigor, em que se assemelha muito a Bauer (é dir lhe-hei de passagem que Bauer é considerado aqui um pianista eminente), associa a maior delicadeza, sendo bem interessante ver como o grande artista, depois de vencidas as maiores difficuldades com uma technica incomparavel, com uma virtuosidade surprehendente, passa para um adagio com toda a ternura e simplicidade d'uma alma nobre, e elevada ás maiores culmiâncias do sentimento.

...E' preciso ouvil-o nos concertos de Lalo e Saint-Saens, nas variações symphonicas de C. Franck para julgar os recursos que um extraordinario artista descobre no piano, instrumento soberbo quando encontra para o revelar um pianista d'este temperamento. E' orchestral, e Pugno evidenciou-nos isto no concerto de Lalo.

Não lhe posso dizer como Pugno executou o andante d'este concerto, sublime d'inspiração e de factura, assim como é intraduzível pela palavra a fórma como o artista nos apresentou o thema, e desenvolveu as variações de C. Franck. Ao findar a execução d'este numero, teve uma ovação triumphal, sendo chamado e aclamado pelo

publico que victoriava o artista com manifestações do mais sincero enthusiasmo».

E' longa a lista das obras, que affirmam o seu fecundo talento de compositor. Citaremos aquellas, que se encontram mencionadas no Diccionario de Riemann:

- Resurrection de Lazare (1879).
- Fée Cocotte e Papillons (1881).
- Ninetta (opera comique) (1882).
- Viviane, ballet en 5 actes (1886).
- Sosie, opera-bouffe (1887).
- Vaïet de Coeur, op. comique (1888).
- Le retour d'Ulysse (1889).
- La vocation de Marius (1890).
- La petite Poucette (1891).
- La danseuse de corde (1892).
- Pour le drapeau-mimodraux (1895).
- Le chevalier aux fleurs-ballet (1897).

Alem d'estas obras, executadas no Palace Theatre, Renaissance, Eden, Bouffes Parisiens, Nouveautés, Nouveau-Theatre, Ambigu e Folies-Marigny, Pugno tem escripto bastantes melodias, uma grande sonata e numerosos trechos para piano-sólo.

Professor do Conservatorio de Paris desde 1896, os seus grandes merecimentos comprovam-se pelos discipulos, que já tem feito, e que levarão atravez de todos os paizes, em que se cultiva a grande arte o renome do grande mestre.

Tendo realisado frequentes *tournées* na Europa e na America assignaladas por continuados triumphos, resolveu fazer a viagem artistica pela Europa no inverno de 1903-904, depois de assignada a escriptura para os concertos de Lisboa. Já percorreu triumphalmente a Russia, Austria, Alemanha, Hollanda, Suissa, Italia e Inglaterra, onde actualmente tem causado o maior enthusiasmo n'um publico habituado a ouvir as maiores celebridades musicas, restando-lhe completar a sua tournée em Hespanha, Portugal e França, onde percorrerá os principaes departamentos, concluindo em Paris com dois concertos, em collaboração com o nosso bem conhecido *quatuor-tchéque*, e quatro sessões de musica de camara com Ysaye.

Para terminarmos a noticia, que mais alongariamos se não receasemos a falta de d'espaço, transcrevemos as palavras com que um dos seus biographos se refere ás altas faculdades de R. Pugno:

«A sua interpretação é d'um musico profundamente instruido e convicto; dotado d'uma rara facilidade d'assimilação, sabe imprimir aos auctores que interpretra o sentimento, expressão e caracter, peculiar a cada um d'elles. Tem sido comparado com Rubinstein, de quem aliás differe pela fusão do seu espirito com as obras que executa, mais

completa em Pugno do que no celebre pianista, cuja personalidade se tornava por vezes absorvente das características differencias dos grandes mestres do piano. A audição do seu concert-stuck, do concerto de Grieg, das obras de Franck, Saint-Saens e Lalo, dos grandes concertos e sonatas dos classicos antigos, confirmam largamente esta apreciação.»

Resta-me acrescentar que o governo francez, fazendo-se interprete official da admiração e dos louvores unanimes da critica e do publico, conferiu a R. Pugno a cruz da Legião d'Honra em Julho de 1897.

\*

Eugene Ysaye é um dos maiores violinistas da actualidade. Pela solida educação, que deveu a Wieniawski e Vieux-temps, pelo convívio constante com as maiores celebridades musicas, pela pratica convicta e entusiastica do ensino no Conservatorio de Bruxellas, onde succedeu a H. Vieux-temps, Ysaye é hoje um musico completo, preparado para as grandes exigencias, que a arte musical impõe presentemente aos seus mais distinctos cultores. Consagrado no seu paiz natal, conquistou todos os triumphos, que poderia ambicionar na Allemanha, onde as maiores aclamações o victoriaram nos festivaes de Liszt e Mendelssohn, nos grandes concertos de Berlim e Leipzig, que o ouve assiduamente nos concertos symphonicos e nas sessões de musica de camara do Gewandhaus em que tem por companheiro assiduo Raoul Pugno. Mas não só n'estes paizes, como tambem na Russia, na Scandinavia, na Hollanda, em Inglaterra, na Suissa, na Italia e em França, Eugene Ysaye é hoje um artista popular, e tão querido do publico, que em Londres, durante duas *seasons* seguidas, foi convidado a tomar parte em quatro concertos na Philharmonic Society, facto digno de menção. As suas frequentes *tournés* tornaram-o conhecido de todas as grandes salas de concerto da Europa, e da America do Norte.

E' um propagandista convicto da musica franceza, que tem executado com grande exito na Sociedade de Musica de Camara, em Bruxellas, que lhe deve a sua existencia, e dirigido na Sociedade de Concertos Symphonicos, igualmente fundada por o grande violinista na capital da Belgica. E assim tem tornado conhecidas as maiores obras de Cesar Franck, um grande musico francez adoptivo, de G. Fauré, V. d'Indy, Castillon, Chausson, Debussy, e de todos os modernos compositores da França, que para Ysaye é uma segunda patria.

A sua collaboração com R. Pugno não se limita ás viagens, que realisam com muita frequencia; nos ultimos annos os dois grandes artistas reúnem-se em Paris no mez de Maio, e dão na sala Pleyel uma serie de sessões de musica de camara, tão anciosamente esperadas pelos artistas e pelo publico parisiense, que o auctor d'estas linhas não conseguiu, dez dias antes d'uma d'essas sessões alcançar um lugar. Os programmas d'estes concertos, admiravelmente organizados já na escolha das sonatas, já na homogeneidade das audições, incluem assiduamente as grandes obras de Beethoven para piano e violino, em cuja interpretação os dois insignes artistas são inimitaveis. Pode admitir-se que haja entre os pianistas e violinistas modernos, artistas que eguallem Pugno e Ysaye. E basta lembrar as grandes illustrações d'estes dois instrumentos. Saint-Saens, Rislér, Planté, Diémer, Paderewsky, Bauer, V. da Motta, Eugene d'Albert, Reisenauer, Ferrucio Busoni, Ed. Grieg, Joachim, Thomson, Sarasate, Sitt, Hilf, Kubelik, Halir, Hubermann, Thibaud. O que ha porém de incomparavel nos dois artistas reunidos é a completa fuzão de temperamentos, attrahidos por affinidades de energia, e de lyrismo taes, que se suggestionam reciprocamente, elevando-se a culminancias d'expressão e de sentimento, impossiveis de vencer com o esforço isolado de cada um. E assim se explica o entusiasmo inexcedivel que assignala sempre a sua apresentação em Leipzig, em Berlim, em Londres, em Bruxellas, em Paris, e finalmente em todas as grandes capitales d'arte.

E. Ysaye é tambem compositor tendo o seu nome ligado a seis concertos de violino, ás variações sobre um thema de Paganini, e a alguns trechos de salão. Mas é como dirigente, professor, e virtuose de qualidades exceptionaes que deve considerar-se a sua grande personalidade artistica, que Riemann define assim:

«A individualidade musical de Ysaye é caracterizada por um extraordinario vigor e intensidade de sentimento, associada a uma virtuosidade de primeira ordem.»

\*

Apresentando aos leitores da *Arte Musical* estes dois eminentes artistas, congratulamo-nos pela honra que nos coube, de assignarmos, associados com alguns devotados amadores, o contracto para duas audições que Raoul Pugno e Eugene Ysaye darão em Lisboa nos dias 24 e 25 de Março, no theatro de D. Amelia.

R.

## = ACÇÃO DOS RAIOS X SOBRE OS VIOLINOS =

Construir imitações perfeitas de rabecas Guarnerius e Stradivarius não é dificuldade insuperavel. Mas dar a um instrumento novo a sonoridade e a vibração de velho é a preocupação constante, o sonho dourado de todos os bons violeiros e até o de muitos amadores e artistas.

Alguns fabricantes italianos, francezes e allemães tem apresentado nas exposições industriaes instrumentos com um acabamento digno das officinas, que nos bons tempos existiam em Cremona. Mas esses instrumentos não satisfazem sob dois pontos de vista: verniz e sonoridade.

Apesar de se affirmar que um violeiro italiano do começo do seculo XIX, Ghibertini (1800-1836), tinha encontrado a formula d'um verniz igual ao dos mestres de Cremona; embora alguma coisa se aproveitasse com os insistentes estudos do violeiro parisiense Villaume sobre o assumpto; não obstante a affirmativa feita por alguns industriaes modernos de que possuem o segredo de fabricação d'excelentes vernizes, em nada inferiores aos antigos, o que é certo é que ainda não adquirimos a convicção de que os violeiros da epoca actual empreguem vernizes que, a par da sua belleza, brilho e transparencia, conservem a boa sonoridade do instrumento, *sem impedir a vibração da madeira*.

E a respeito da propriedade dos vernizes antigos não impedirem a vibração das fibras do tempo harmonico, não deixaremos de apontar o conhecido facto, succedido com o celebre violinista e chefe de escola franceza, Baillot.

Este professor tocou durante muitos annos num violino que, como todos os instrumentos d'esta classe, ia melhorando de som á força de ser tocado. Mas notou que, pela acção das ondas sonoras, produzidas pelo attricto do arco sobre as cordas, o violino se cubria sempre d'um pó fino, branco, que attribuiu a moleculas resinosas que se destacavam do verniz e da madeira. Não era a resina das sedas do arco.

Ora, se a melhoria de sonoridade num instrumento muito tocado é uma consequencia das vibrações seguidas e contínuas, que fazem expellir do instrumento uma infinidade de particulas sob a fórma de pó; se parece averiguado que a madeira do tempo harmonico dos pianos envelhecia rapidamente, á falta d'um verniz protector, é tambem um facto que esse verniz, tendo de proteger e embellezar um instrumento,

deve, sem d'elle se desprender em absoluto, destacar de si as particulas que possam dificultar as vibrações da madeira, contribuindo assim para que a sonoridade adquira maior extensão e mais vigôr.

Mas se o verniz é um accessorio de primeira necessidade para a conservação da sonoridade dos instrumentos de madeira e corda, o material a empregar na confecção da caixa harmonica é tambem um elemento de primeira ordem para se obter boa qualidade de som.

Isto é um facto averiguado.

A' antiguidade da madeira empregada por Guarnerius e Stradivarius nos seus violinos se attribue a bella qualidade de som com que elles já sahiram das suas officinas. A' antiguidade da madeira empregada deveu ultimamente o violeiro allemão Gemunder, estabelecido em New York, a fama dos violinos de seu fabrico, que principiou a vender por subidos preços desde que apresentou um especime d'elles na exposição de Vienna d'Austria.

Mas uma noticia publicada na Illustração franceza de 12 de dezembro de 1903, pagina 394, sob o titulo: *Le vieillissement électrique des violons*, em opposição a tudo o que acabamos de apontar, vem dizer-nos que deixou de haver violinos com som de novos, porque todos no curto prazo de dez minutos podem ser transformados em instrumentos velhos.

Disse-nos essa noticia que um habitante da California, L. B. Harvey, affirmava ser possivel envelhecer artificialmente um violino. «Basta para isso submettel-o a um tratamento electrotherapico, exactamente como um ataxico ou um paralytico, mas com mais successo. Ao sahir d'este tratamento o violino tem adquirido qualidades que em geral só obtem pelo muito uso e apresenta todas as caracteristicas d'um instrumento antigo. Este tratamento consiste apenas em submeter o violino á acção dos raios X durante uma dezena de minutos. E o effeito é maravilhoso, diz o inventor. Demais, é facilimo verificall-o: toca-se o violino antes e depois da sessão electrica. Não ha comparação possivel.»

«Como actuum os raios X? Não se sabe ao certo. Mas, diz Harvey, as qualidades que uma rabeca velha apresenta veem-lhe sem duvida, não da sua idade, mas das vibrações que soffreu, que a agitaram sempre que era tocada. Portanto, as vibrações electricas podem ter uma acção similar á da idade, ou, mais exactamente, á acção do uso, do emprego frequente. Em dez minutos, diz Harvey, a electricidade envelhece tanto a madeira do violino quanto o podem

fazer cincoenta annos de exercicio. Se isto é verdade, deixarão de existir os maus violinos.»

Pois para verificar se effectivamente deixaram de existir esses maus violinos submetteu o sr. dr. Archer e Silva, no seu consultorio da rua de S. Roque, uma rabeca ordinaria á acção dos raios X e, na presença d'alguns entendidos, foi comprovada a melhoria de sonoridade. Mas, não contente com esta primeira prova, convidou o mesmo clinico dois distinctos professores de physica dos nossos cursos superiores, assim como numerosos amadores e artistas, para assistirem a uma sessão identica na tarde de 11 do corrente.

Para a experiencia foram escolhidas duas rabecas ordinarias, em que o professor do Conservatorio sr. Bettencourt Vasconcellos tocou perante o numeroso auditorio, antes de submettidas á acção dos raios X. Uma das rabecas, a que deu provas de maior inferioridade, foi a primeira a ser influenciada durante dez minutos pela electricidade. O resultado não podia ser mais convincente: tinham desaparecido os sons asperos, berradores e o instrumento correspondia com uma tal ou qual facilidade ás exigencias de clareza nos passos de agilidade ou nas vibrações de sentimento, qualidades que antes da experiencia não possuia.

Submettida a segunda rabeca á acção dos raios X, durante outros tantos dez minutos, o resultado foi da mesma forma conclusivo. Os dois instrumentos conservaram todavia, como não podia deixar de ser, a relação de differença que previamente existia entre elles, embora notavelmente melhorados nas suas qualidades.

Mas conservará um violino por muito tempo os beneficios colhidos com o tratamento pelos raios X?

Na mesma sessão foi tocado um violino que ha algumas semanas fôra submettido á acção dos raios X e que continuava a mostrar que o tratamento lhe foi proveitoso.

Pode realmente admittir-se a explicação de que as ondas dos raios X, incomparavelmente mais rapidas e mais intensas do que as ondas sonoras provocadas pelo attricto do arco sobre as cordas, devem produzir no tempo harmonico, num curto periodo de tempo, no caso presente reduzido aos dez minutos da experiencia, beneficios que pela acção lenta das ondas sonoras só podem ser colhidos no fim de muitos annos?

Responderemos francamente que duvidamos do facto, pelas razões que passamos a expôr.

A melhoria obtida nas rabecas ordinarias submettidas á experiencia foi causada por

um sensivel ensurdecimento de som. As rabecas perderam a aspereza, o som berrador, mas á custa da extensão e do vigor de sonoridade.

Um violino bem construido, depois de muito tocado, por envelhecimento da madeira e talvez porque as vibrações fizeram destacar d'elle as moleculas resinosas a que acima nos referimos na experiencia de Baillet, principia a *abrir*, a ter maior quantidade de som, a perder as asperezas de sonoridade, substituindo-as por uma encantadora suavidade e correspondendo facilmente a todos os exercicios de technica, embora feitos em pianissimo. Mas nunca ensurdece. Pelo contrario, a sua sonoridade adquire brilhantismo.

Os instrumentos sahidos das officinas dos mais afamados mestres da antiga escola lombarda foram vendidos por altos preços porque, além do seu apurado acabamento, possuam já condições magnificas de sonoridade, que todos attribuem á boa qualidade, á velhice das madeiras empregadas, e que então havia em deposito.

Os violinos de Gemunder comprovam esta opinião.

Mas as boas qualidades que primitivamente possuam os violinos, violas, violoncellos e até contra-bassos, fabricados pelos antigos violeiros, teem melhorado enormemente com o tempo e o uso. O som d'esses instrumentos é mais claro, mais cheio, mais redondo e mais brilhante.

Se fosse possivel encontrar agora um d'esses instrumentos, tal como sahiu das afamadas officinas lombardas, mas sem ter sido tocado, adquiriria em dez minutos de tratamento, pelos raios X, todas as magnificas qualidades de sonoridade que os seus congeneres teem obtido pela idade e o uso?

Ha ainda uma tentativa a fazer e que nos parece ter grande valôr: submeter ao tratamento pelos raios X um violino bem construido, imitação d'algum dos padrões dos velhos mestres e ao qual só faltassem as boas qualidades de sonoridade, inherentes aos antigos instrumentos. Não seria em extremo dispendiosa a experiencia.

Em conclusão: o ensurdecimento, produzido pelos raios X nas duas rabecas ordinarias da experiencia do dia 11 do corrente, faz-nos reear de que a acção da electricidade sobre as fibras vibrateis do tempo harmonico gere exactamente effectos contrarios aos da acção das vibrações sonoras, produzidas pelo attricto do arco sobre as cordas.

## Argumentos de Operas

### SIBERIA

Drama em 3 actos de Luiz Illica,  
musica de U. Giordano

Quando se levanta o panno no 1.º acto, a scena representa um elegante vestibulo do palacete offerecido a Stephana, a *Bella Oriental*, pelo principe Alexis Frouwor.

Nikona, a sua camareira e Ieran, o seu escudeiro, esperam ansiosamente o regresso de Stephana que em trajas modestissimos foi ao encontro de Vassili, o preferido do seu coração. Ao longe ouve-se uma canção dos mougiks em que exprimem a sua apathia e conformidade com a triste vida.

Sobrevem Gleby, antigo amante de Stephana, creatura vil e miseravel, que depois de a haver violado acabou, satisfeitos os seus appetites lascivos, por vendel-a por dinheiro a um rico senhor. Gleby advinha em breve a ausencia de Stephana, e quando pouco depois entra Alexis com a comitiva dos seus amigos, procura ganhar tempo convidando-os a uma partida de jogo, onde as cartas, préviamente preparadas, lhe hão de assegurar o ganho. O principe e os seus amigos accedem á proposta e passam a outra sala. Antes d'isso, porém, Gleby canta uma canção d'amor, simulando dirigir-se a Stephana, que elle diz estar ainda deitada. Sahem todos, e quasi a seguir entra Stephana, palpitante ainda da emoção da entrevista. Em breves palavras Nikona a põe ao corrente dos factos, e a *Bella Oriental* canta n'uma romanza o seu amor, e como elle a redimiui dando-lhe uma alma nova de mulher amada e amante.

Gleby acorre e propõe a Stephana um pacto que ella repelle indignada e ultrajada. Alexis com o seu amigo Walitzin, que vae partir para a Siberia em commissão de serviço, entram, e Walitzin lastima-se de ter de seguir para um paiz onde não ha vida pois que não tem ali ingresso o amor. Esta phrase impressiona vivamente Stephana que fica pensativa.

Partido Walitzin, Alexis renova os juramentos do seu intenso amor a Stephana dizendo-lhe que por ella renunciou a um casamento rico que a Mãe lhe havia proposto, e offerece-lhe um rico bracelete.

No meio d'esta scena ouve-se gritaria e os amigos de Alexis entram perseguindo Gleby a quem surprehenderam roubando

ao jogo, mas aquelle consegue com o seu impudor impôr-se e aproveitando-se da estupefacção foge pelo fundo da rotunda do palacio. O escudeiro annuncia estar servido o almoço e todos sahem, ficando apenas Nikona. Entra Vassili que é seu afilhado, e que devendo partir com o seu regimento para a guerra vem abraçal a antes. Quando os dois se despedem, Stephana entra á procura de Nikona, e ao verem-se ali, os dois amantes, que profundamente se amam, mas que até então se desconhecem nas respectivas posições, não podem illudir-se mais. Vassili increpa Stephana, e diz-lhe que ella enganando-o fez mais do que um delicto, pois lhe arrancou, com a desillusão manifesta, todo o seu orgulho e esperanza de soldado. No ponto mais vivo do dialogo, quando se sente em distancia os rufos do tambor do regimento de Vassili, entra Alexis com os seus amigos e perguntando a Stephana quem é aquelle homem, ella diz-lhe descaradamente: o meu amante.

Alexis perde a cabeça e apostrophaa e Vassili desafia-o, resultando d'um curto duello a morte d'Alexis. Entra o commissario de policia que redige em poucas palavras, o processo do facto, conduzindo preso a Vassili que reconhece o horror da sua situação, emquanto o seu regimento se afasta em caminho para a guerra.

O acto segundo passa-se na Steppe da fome, na fronteira da Siberia—de Omsk a Kolivan. Um posto de soldados russos sob o commando d'um capitão-commissario espera as levas de condemnados que devem seguir para a Siberia. Entram vendedores de diversos generos que apresentam as respectivas licenças de venda, uma joven que ali vem despedir-se pela ultima vez do pae condemnado, e o *Starosta*, especie de santão russo que mendiga para recolher fundos para edificar uma egreja.

Começa a sentir-se o côro da cadeia viva, da legião dos condemnados que gradualmente se vão avisinhando. Quando estão em scena, entra rapidamente n'uma *troika* guiada por tres cavallos de Ukrania, Stephana que interroga se chega á Steppe d'Omik. Obtendo resposta affirmativa, pergunta pelo n.º 107, entregando um papel ao capitão que lhe dá concessão de avistar o prisioneiro, que é Vassili que, surpreso e maravilhado, mais o fica ainda quando Stephana lhe declara que deixou tudo—riqueza e esplendores da vida—para se lhe reunir e acompanhá-lo ao seu cruel exilio. Em vão Vassili a pretende dissuadir, descrevendo-lhe o horror de tão inhospitos terrenos, a tudo ella oppõe a sua decisão irrevogavel. O sargento põe em ordem a cadeia dos prisioneiros para

marcharem ao seu destino e o panno cahe sobre esta scena, a melhor do poema.

No ultimo acto estamos no interior das minas do Trans-Baikal. A scena representa um grande numero de casotas de forçados e em evidencia a do n.º 107 — Vassilli. E' o sabbado santo do calendario russo, e os forçados pensam em divertir-se com representações e outros divertimentos compatíveis com a sua condição e sorte. Um velho invalido apresenta a Stephana um bilhete no qual lhe suggere a fuga pelo poço visinho. Stephana communica a Vassili o projecto de fuga, mas este recusa-se, e ambos deliberam não fugir.

Entra um grande troço de forçados entre os quaes um — Gleby — procura avisinhar-se de Vassili, que o não conhece, e a quem procura provocar por modo indirecto afrontando Stephana. Sobrevem o Ispravnik que annuncia a visita do Governador, que é Walitzin, o companheiro de Alexis, do 1.º acto.

Chega Stephana e Walitzin que subitamente a reconhece, propõe-lhe francamente: se acaso pensa ainda na liberdade que elle lh'a pode conceder, e n'um canto faz-lhe descortinar todo o passado facil de resurgir no futuro. Stephana inabalavel, diz-lhe, mostrando-lhe Vassili: Com aquelle martyr morrerei, sendo-lhe fiel até á morte.

Voltam novamente os forçados, entre elles Gleby, que se dirige a Stephana, insistindo por apertar-lhe a mão. Vassili escuta com surpresa as palavras de Gleby, que revelam conhecer de ha muito Stephana e interroga esta se e d'onde o conhece. Gleby com o maximo atrevimento dirige-se a Vassilli perguntando-lhe se é elle o official que teve o duello com Alexis por causa de Stephana, e n'um breve dialogo accentua-se o odio reciproco dos dois. Gleby narra aos forçados o passado de Stephana, e Vassili que ouve quer castigal-o, ao que ella procura oppôr-se, segurando-o. Vassili desesperado renega o seu amôr, e Stephana em poucas palavras o converte arrependido e mais amoroso que d'antes. Gleby continua a rir com os forçados, mas Stephana, possuida d'uma colera tal que lhe duplica as forças, segura Gleby, e em face de todos declara a vileza do seu character, e quanto ella foi a sua infeliz victima. Os forçados impressionados com a narrativa fazem-lhe o maior triumpho, emquanto se revoltam contra Gleby, cuja frente tem impressa a ferro a marca dos falsarios, da sua ultima condemnação.

De toda a parte entram homens e mulheres que se preparam a festejar a noute de sabbado santo. Walitzin, o proprio governador entra d'improviso, exclamando com

accento de bondade: Christo resurgiu! e como mostra de grandeza e solemnidade da festa, abraça e beija o condemnado que mais proximo lhe está.

Novamente o Invalido recorda a Stephana a proposta do principio do acto, e diz-lhe que o soldado de sentinella é seu filho, e portanto ser-lhes-ha cumpllice e ajuda

Stephana consulta agora de novo Vassili, e ambos resolvem a fuga. Mas, entretanto uma cabeça apparece n'um dos casotos espiando. E' Gleby que surprehende o segredo e se propoz impedir o plano. Vassili e Stephana dirigem-se para o poço e comecam a realisar a fuga, quando Gleby, que desapparecera alguns instantes antes para dar o alarme faz com que cheguem de todos os lados os guardas a quem mostra o caminho seguido pelos fugitivos.

Em breve os soldados reconduzem os dois amantes e Walitzin pergunta a Vassili quem lhe dera a indicação do poço. Stephana corajosamente declara ser ella, e Walitzin ordena o seu supplicio. Stephana e Vassili imploram o castigo, a morte, mas nunca a separação em vida, e como Walitzin os não attenda e ordena que sejam separados, Stephana mordendo fortemente a mão do cosaco que a segura, consegue desembaraçar-se d'elle, e arrancando-lhe subitamente, da cinta o punhal, fere-se repetidas vezes antes que possam impedir-lh'o, Walitzin commovido até ás lagrimas, manda soltar Vassili, que corre a supportar o corpo agonizante da sua adorada. Stephana quasi a largar a vida, dirige-se a Walitzin e como que agradecendo-lhe, diz lhe: Tu quizeste salvar-me, mas a minha vida era aqui, e aqui morro. Onde se não ama é na Siberia, disseste um dia — alludindo ás palavras de Walitzin do 1.º acto — ao contrario, vês, que na Siberia se ama eternamente, alem da vida. E voltando se para a terra, beija a e exclama: Oh Santa Terra, piedosa de lagrimas e d'amor, expira nos braços e sentindo as derradeiras caricias do seu bem amado Vassili.

No meio da consternação geral produzida por esta scena intensamente dramatica o Ispravnik annuncia a Walitzin a chegada d'uma nova leva de condemnados. Se o drama de Stephana terminou, o da Siberia prosegue sempre, ininterrupto!



## CONCERTOS

Foi brilhantíssima a festa que a *Real Academia de Amadores de Musica* offereceu em 12 do corrente no Grande Salão da Sociedade de Geographia á officialidade brasileira do *Benjamin Constant* e de que não pudemos dar conta no numero anterior, como desejavamos.

O aspecto da sala era magestoso e a concorrência tão numerosa que não havia um unico logar vago nem na amplissima platéa nem nas duas galerias que circundam aquelle bello e enorme salão.

A orchestra da Academia, alem do hymno brasileiro com que abriu e fechou a festa, fez-nos ouvir as *ouvertures* do Guarany e do Loreley e alguns numeros das *Erinnyes* de Massenet.

Como solistas tivemos Alexandre Rey Colaço que nos impressionou vivamente nos seus numeros de piano e a menina Luiza Coelho de Campos, violinista tão joven como talentosa, que é uma das justas glorias da Academia e do illustre professor Goñi, que superiormente lhe tem dirigido a educação artistica.

Vimol-a arcar com difficuldades bem serias na *Introdução e Rondo capriccioso* de Saint-Saëns e na *Polonaise* de Wieniawski, peças que estão no repertorio de todos os grandes mestres do violino da actualidade.

Estamos certos que a menina Campos, cujo raro e formoso talento ninguem poderá discutir, se não cançará de trabalhar conscienciosamente o seu violino e de ouvir incessantemente os conselhos do seu eximio mestre; estamos crentes que em breves annos poderemos contar entre os nossos melhores violinistas mais um nome honroso, que se ha-de impôr á admiração de todos e que marcará uma das figuras bem interessantes da nossa moderna musica.

E' uma questão de tempo e de trabalho.



No domingo, 21; deu uma *recital* de piano no Salão do Conservatorio o pianista portuguez Theophilo de Russell.

Nos variados numeros que constituíam o programma e em que figuravam os melhores nomes da litteratura pianistica, Beethoven, Chopin, Mendelssohn, Liszt etc., pudemos apreciar a poderosa organização artistica do sr. Russell, a quem não falta nem talento nem mecanismo larga e tenazmente cultivado.

Isso não quer dizer que façamos elogios incondicionaes ao sr. Russell, que é bastante intelligente para que, como primeiro, nos não acceitasse taes louvores como moeda bôa.

O sr. Russell, cuja vocação artistica é das mais felizes, e que tem mesmo a *etoffe* de um verdadeiro concertista, teria muito a aproveitar se pudesse alguns annos trabalhar no estrangeiro, sob a vigilancia de um grande mestre. Ganharia um melhor *toucher*, maior delicadesa, mais elasticidade e certas qualidades de interpretação que ás vezes lhe fallecem.

E estamos certos que, se o Estado facilitasse a este artista os meios de realisar este trabalho de aperfeiçoamento, não seriam precisos muitos annos para que o nome de Theophilo Russell brilhasse a par das nossas melhores glorias.



Hontem, 28, realisou-se um concerto organizado pela *Sociedade de Musica de Camara*, o 3.º d'esta epoca e que por doença de um dos executantes se não pode effectuar em janeiro.

Constou o programma de trios de Beethoven e Schumann e de uma sonata d'este ultimo auctor.

O 4.º concerto terá logar muito brevemente.



## EMIL SAUER

No proximo mez de março, Lisboa vae ouvir este celebre pianista, sendo até agora a unica das grandes cidades onde elle se não tinha apresentado.

Natural de Hamburgo, onde nasceu em setembro de 1862, recebeu as primeiras noções do piano de sua propria mãe, habil executante. Por fortuna do moço artista, o grande Rubinstein ouviu-o na idade de 13 annos, e por tal modo lhe agradou que de seguida recommendou-o calorosamente a seu irmão Nicolau Rubinstein, director do Conservatorio de Moscow, onde Sauer effectuou e terminou os seus estudos pianisticos.

Debutou em Inglaterra em 1882, fazendo-se ouvir no anno seguinte em Hespanha e Italia, caminhando de successo em successo.

A imprensa e publico de Madrid, e outras cidades hespanholas, proclamaram com unanimidade as raras qualidades do joven artista.

Durante os estios de 1884 e 1885, Sauer habitou com Liszt na residencia d'este, em

Weimar, e pode julgar-se quanto aproveitaria sob a direcção de tão extraordinario Mestre.



No começo de 1885 tocava pela primeira vez em Berlim na presença da familia imperial alemã, logrando um exito raras vezes obtido nos afamados Concertos d'aquella cidade. Com tal ruidoso successo estabeleceu-se definitivamente a sua reputação universal, confirmada sucessivamente nos annos seguintes pelos publicos do mundo inteiro.

Percorreu sucessivamente toda a Russia, desde S. Petersburgo a Tiflis, toda a Austria, onde foi o idolo dos vienezes e húngaros, Constantinopla, Sofia, Belgrado, Bucharest, Copenhagen e Stockolmo.

Em Berlim e Vienna foi alvo das mais lisongeiras apreciações dos principaes criticos musicaes, em especial do afamado Hanslick, de Vienna, que o apontaram como o provavel successor de Rubinstein e Liszt.

Em 1891 deu uma brilhante serie de 21 concertos em Londres, e em 1899 fez uma brilhante *tournee* na America.

Nomeado desde tempo pianista da Corte de Saxonia, foi-lhe creado espressamente o posto de Professor Imperial e Real d'aquella paiz, em 1901 bem como recebeu a nomeação de professor da classe de aperfeiçoamento de piano no Conservatorio de Vienna. Tal é, em breves palavras, o eximio concertista que Lisboa vae ouvir nos dias 7 e 9 de março.

## THEATRO DE S. CARLOS

Com artistas como Regina Pacini e Bonci não é para surprehender que os *racconti* do primeiro acto da *Bohème* fossem extraordinariamente applaudidos na noite de 10 do corrente e que, apesar de repetidos, fizessem nascer a vontade de continuar a ouvi-los, em substituição de todos os outros actos. E, a não serem as melodias de Mimi e Rodolpho no quartetto do terceiro acto, não haveria o menor prejuizo na substituição, embora nos agrade tambem o duetto do quarto acto entre as mesmas personagens.

Para a nossa preferencia n'aquella substituição, que por certo acceitariam muitos dos frequentadores de S. Carlos, mesmo apesar dos inconvenientes da monotonia, contribue a impossibilidade de se obter um conjuncto agradavel, formado com artistas capazes de cantar ao lado de Regina e Bonci, visto que no elenco do nosso theatro lyrico é manifesta a inferioridade da maioria dos artistas que o compõem. Pois se até um comprimario, Baldassari, com difficilima emissão de voz, quasi desde o começo da epoca lyrica vem sendo encarregado de cantar partes principaes de baixo e baritono! E o mesmo está succedendo com outro comprimario, Tamanti, embora em melhores condições do que aquelle, pelo que diz respeito á emissão da voz, mas com menos volume!

Ante-hontem cantou-se a *Mignon*, essa magnifica partitura de Ambroise Thomas, em que abundam as melodias de caracter ligeiro, mas de fina contextura e de sentida poesia. Ao lado da sr.<sup>a</sup> Regina Pacini, que se encarregou de cantar a parte de Philina, a que deu um grande relevo, reapareceu a sr.<sup>a</sup> Pandolfini, a quem o anno passado já neste jornal nos referimos com elogio.

A superior intelligencia e a cuidada educação litteraria da sr.<sup>a</sup> Paldolfini contribuiram para que a notavel artista progredisse sensivelmente desde a ultima vez que a ouvimos. E' d'isso prova convincente a interpretação correcta da personagem *Mignon*, quer na parte dramatica, quer na lyrica, podendo apenas notar-se-lhe nesta uma necessidade de aperfeiçoar os seus trabalhos de vocalisação, falta que já o anno passado lhe notamos quando cantou a *Traviata*. E por ser a *Arte Musical* um jornal da especialidade é que nos referimos a esta falta, que se tornou mais sensivel na *stiriana*.

A's duas artistas couberam as honras da noite, não deixando nós tambem de fazer uma referencia especial ao baixo *Arimondi*, que cantou correctamente a parte de Lotá-

rio, compondo bem a personagem, que mostrou conhecer ou ter estudado com cuidado.

Encarregado de cantar a parte de barítono lá estava o tal sr. Baldassari, com a sua forçada veia comica.

Debutou na *Mignon* um tenor, o sr. Iribarne, que está deslocado em S. Carlos. É uma verdade que ha por lá outros artistas em condições identicas. Mas isto não é razão para d'elle nos occuparmos mais detidamente.

A orchestra tornou-se digna de applauso na abertura e no já muito nosso conhecido intermezzo, que não tem difficuldades de execução, não deixando todavia de haver suas desigualdades entre os primeiros violinos. Os sólos de harpa, violino, violoncello e clarinete foram bem tocados e deviam ter sido applaudidos sem favor. Os sólos de flauta e trompa... Mas para que havemos nós de falar em artistas que todos sabem estarem occupando indevidamente o seu lugar?!

Hontem foi cantada a *Favorita* com um conjuncto de artistas de primeira ordem e que corresponderam ao que d'elles havia a esperar: Guerrini, Bonci, Ancona e Masetto.

A sr.<sup>a</sup> Guerrini, que dispõe de muito talento dramatico e que, como artista de canto, muitas vezes nos tem agradado sem restricção, não pode ter na *Favorita* uma das suas corôas de gloria, embora se torne digna dos applausos que lhe foram conferidos.

Estamos habituados a ouvir cantar a parte de Leonora da *Favorita* por um meio soprano e até mesmo por um contralto. Mas os que lerem a partitura podem ver que, á excepção do *cantabile* da aria do terceiro acto, *O mio Fernando*, que está escripto numa tessitura propria daquellas vozes, e em que a sr.<sup>a</sup> Guerrini realmente devia estar á vontade, todo o resto da parte de Leonora está escripto numa tessitura mais propria de soprano, embora no 1.<sup>o</sup> acto desça a um *lá* grave. E a sr.<sup>a</sup> Guerrini, que nos parece ter trabalhado em especial as notas graves e as do registo medio, tem na *Favorita* de deslocar a voz para o registo agudo, cujas notas lhe são de mais difficil emissão.

Eis a razão do que acima dissemos.

O tenor Bonci cantou deliciosamente o *Spirto gentil*, que teve de repetir e o barítono Ancona, digno d'applauso em toda a opera, disse de maneira magistral o tercetto *A tanto amor*.

E limitamo-nos hoje a fazer uma rapida noticia do que se tem passado em S. Carlos, por não termos tempo e espaço desponivel para outra ordem de considerações.

25 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA.

## NOTICIARIO

DO PAIZ

Em fins do proximo março tenciona a *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* dar uma magnifica audição de musica portugueza.

Os illustres professores Frederico Guimarães, Julio Cardona e Guilherme Ribeiro, que, como se sabe, constituem a commissão musical da referida sociedade estão tratando de organizar um programma, que nos dizem será brilhantissimo.



Os musicos da armada requereram á presidencia da camara dos deputados para que em conformidade com as disposições legaes seja dado ao contra-mestre o augmento de vencimento que lhe compete pela sua gradação de sargento-ajudante; aos musicos de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe que se faça o reembolso do deposito que teem na Caixa Geral e os respectivos juros visto, terem sido classificados de 1.<sup>os</sup> e 2.<sup>os</sup> sargentos, e que lhes seja concedido augmento de vencimento, em conformidade com a sua nova situação; aos musicos de 3.<sup>a</sup> classe que se lhes conceda eguaes garantias ás que forem dadas aos musicos de 2.<sup>a</sup> classe, em harmonia com o que se pratica no exercito, que se lhes conceda tambem, por espirito de equidade, o reembolso das importancias depositadas na Caixa Geral

Pedem tambem todos os reclamantes, com excepção do contra mestre, a adopção de um fardamento que se harmonise com as suas actuaes categorias e pelo qual se possam differenciar das philarmonicas, que na sua grande maioria estão usando o fardamento de marinheiros.



A epoca lyrica no nosso theatro de S. Carlos é prorogada até ao dia 21 de março com uma assignatura suplementar de seis espectaculos, entre os quaes se comprehenderá a despedida da sr.<sup>a</sup> Regina Pacini, a apresentação de um novo bailado e a recita de gala com que fecha o theatro.



Tivemos occasião de vêr mais dois instrumentos, cuja reparação foi confiada á casa Silvestre & Maucotél, de Paris, e cujas qualidades sonoras muito ganharam com o trabalho feito pelos illustres violeiros francezes.

Referimo-nos ao bello violoncello de D. Luiz Menezes, que consideravelmente se melhorou em igualdade e obediencia e a um violino de Cesar Mirés, assignado por Matteo Goffriler, delicioso como forma e como som.

Dos dois Goffriler, violeiros venezianos da primeira metade do seculo xviii, é este Ma theus o mais reputado e o mais original. Os seus instrumentos teem um admiravel verniz, e um desenho encantador em todos os promenores; a sonoridade é poderosa e muito igual, o timbre acontraltado.

Tivemos uma optima impressão apreciando ultimamente o encantador violino de que nos vimos occupando e que o seu illustre possuidor teve a gentileza de nos fazer ouvir.



### Vianna da Motta

Chegam-nos noticias de novos successos d'este querido amigo e glorioso compatriota. que tão alto sustenta e honra a musica portugueza. Dois concertos em Leipzig, realisando-se um a 6 e outro a 13, com programmas em que figuravam Bach, Weber, Liszt e Schumann no primeiro, e Bach, Beethoven, Chopin e Liszt, no ultimo.

Sucesso maravilhoso e plenissimo. Paralelamente, teve o nosso grande pianista um novo convite para realisar duas sessões em Berlin, a ultima das quaes deve ter logar a 17 de fevereiro. O exito da primeira foi surpreendente, sendo a critica berlinense unanime nos maximos elogios ao nosso compatriota, chegando a *National Zeitung* a affirmar que nunca «elle tocara com tanta auctoridade.»

Entretanto foi igualmente chamado a Edinburg, por telegramma, afim de dar n'aquella cidade um grande concerto com a famosa orchestra escocesa, dirigida pelo dr. Cost. Não temos noticias especiaes do exito d'este, mas avaliando pelo successo que teve da primeira vez, que foi aquella cidade substituir o celebre pianista Busoni, e a circumstancia de novamente o contratarem agora, deveria ter sido enorme.

Alguns discipulos de Vianna da Motta, como uma joven hungara M.<sup>ella</sup> Terrénwgi, e uma outra senhora de Forssling, que se apresentaram recentemente em concertos publicos, encontraram a mais lisongeira acolhida, honrando brilhantemente o ensino do seu extraordinario professor.



### Raymundo de Macedo

São extremamente lisongieras as noticias recebidas de Leipzig, onde se acha estu-

dando, este novel e talentoso pianista, antigo e dilecto discipulo de Bernardo Moreira de Sá, e actualmente confiado á direcção proficiente do professor Adolpho Ruthardt, de Leipzig.

Numa prova publica, realisada recentemente, (a 29 de janeiro) tocou o moço artista o difficil concerto de Hummel em *si menor*, acompanhado á orchestra, e por tal modo se houve, que o professor escreveu nos mais elogiosos termos ao pae, affirmando-lhe os progressos do filho, seu discipulo que *muita honra lhe fazia*.

Posteriormente, chegando a Leipzig o violinista russo Kukenkin, acompanhado d'um violoncellista da mesma nacionalidade, foi o nosso joven compatriota quem os seus professores designaram, para desempenhar a parte de piano no concerto que realisaram os artistas russos. E fel-o de tal fórma, que foi mais um brilhante successo na sua tão precoce quanto brilhante carreira.



### Francisco de Lacerda e a Schola Cantorum de Paris

Ultimamente, uma delegação d'esta *Schola*, sob a habil e cuidadosa regencia do nosso illustre compatriota Francisco de Lacerda, foi a Leon, capital do departamento do Aisne em França, realisando ali um delicioso concerto de trechos d'orchestra e de outros de capella, isto, é de canto sem orchestra, e musica de camara. Pelos jornaes locaes podemos julgar qual o grandissimo effeito produzido, tanto pelo valor dos coristas, e solistas de piano, violino e violoncello, como pelo da orchestra e principalmente pela capacidade musical do Sr. Lacerda, quem fazem *una voce* as mais lisongieras referencias.

Quer como dirigente e mestre dos seus artistas, quer pelo gosto e intelligencia que revelou na confecção do programma, os jornaes de Leon não se poupam em tecer-lhe os mais amplos elogios.

Conscios do valor do nosso querido amigo, que tão honrosamente representa em Paris a arte nacional, regosijamo-nos com o ultimo dos seus successos que, sem duvida, será em breve distanciado pelos que se lhe hão de seguir; sendo com profundo jubilo que nos apressamos a dar noticia aos muitos que o conhecem, e devidamente estimam e apreciam.



### Theatro de S. João do Porto

Depois da nossa ultima reesinha devemos pela ordem chronologica, citarmos a festa

artística da prima-donna Mary d'Arneiro, com a *Tosca*, em que ella, Menotti no Scarpia, e Dani no Cavaradossi alcançaram ruidosissimo successo, a representação da *Saffo*, de Massenet, inteiramente nova para os dilettante portuenses, e que foi um novo successo para Cesira Ferrani, protagonista de talento, Ceresoli, Dani, Angelini Fornari e Tavecchia e uma nova reprise da *Aida*, retirada da scena desde o começo da epocha.

Com a chegada de Bonci, e a sua estreia no *Elixir d'amor*, tendo como parternarios Pepita Sanz, Angelini-Fornari e Tavecchia, teve o theatro de S. João um renovo de successo, a que ha muito não estava habituado. Duas recitas se deram da opera não bastando todavia a lotação da sala a comportar n'ellas todos os innumerados *dilletanti* que anciavam ouvir o grande e illustre cantor. Bonci foi saudado, applaudido e festejado de modo tal, que deve ficar-lhe gravada a recepção que obteve no Porto.

A seguir deu-se com o *Ernani* a estreia de outro grande e valiosissimo artista lyrico, o barytono Giraltoni, cuja superioridade no desempenho d'esse *spartito* ha pouco os *habitués* de S. Carlos poderam julgar *de visu*. Houve grande e colossal successo, devendo bisar o grandioso concertante do 3.º acto, e póde conjecturar-se qual seria o exito do *Rigoletto* em cuja execução tomavam parte Bonci e Giraltoni.

De memoria de homem não ha ideia de semelhante triumpho. Foi tão forte e intensissimo o successo que devendo Bonci retirar de seguida para Lisboa, onde o chamava o seu contracto, um grupo de *dilletanti* foram em commissão pedir-lhe para dar mais uma recita, na qual o espectáculo se compozesse em parte do *Elixir*, e em parte do *Rigoletto*.

A estreia da grande cantora Haricléé Darclée deu-se com a *Tosca*, que pela terceira vez se repetia durante a actual temporada. A inolvidavel creadora da opera no inicio em Roma, é sem duvida a mais phenomenal interprete do personagem, para o que muito concorre a sua seductora figura, talento de maxima grandeza e voz a mais formosa e excepcional que hoje se encontra em carreira. Com Eugenio Giraltoni no Scarpia, tambem outro dos creadores da primitiva em Roma, imagine-se o que foi aquelle exito, cuja memoria se não apagará da mente dos *dilletanti* portuenses.

Depois de tão assignalado triumpho que as recitas seguintes ampliaram, se possivel foi, houve a serie das recitas do carnaval, para a qual se preparou brilhantemente a decoração do theatro, que com tempo fora commettida ao nosso impagavel decorador

e artista Raphael Bordallo Pinheiro. As operas cantadas foram *Barbeiro de Sevilha* e *Crispim* e a affluencia do publico nas quatro noutes de recita e baile foi como nunca fôra no theatro pela epocha carnavalesca.

Passado o carnaval, houve a recita de dupla despedida de Darclée e Giraltoni com a *Tosca* e o 3.º acto do *Rigoletto* que não se cantou por subito encommodo vocal de Giraltoni.

Tudo que de mais entusiasta e calido se possa suppor que realise uma plateia de meridionaes puros, excitados pelo talento de dois artistas, de meritos tão singulares, quanto superiores, se deu livre curso n'aquella *serata*, em que a ovação só terminou quando todos se achavam fatigados de applaudir, e aos proprios *dilletanti* era esforço e violencia o supportar por mais tempo tão gratas emoções.

O ultimo echo da temporada é a representação da *Louise*, a deliciosa partitura de Gustavo Charpentier, que como a *Carmen*, de Bizet, tem feito e está fazendo victoriosamente o gyro triumphal pelo mundo lyrico. D'ellas fallaremos na proxima resenha do theatro de S. João.

#### DO ESTRANGEIRO

O nosso conhecido tenor Caruso, escripturado para dar alguma recitas em Philadelpia foi ali victima de um desastre, voltando-se a carruagem que o transportava para o hotel.

Soffreu ferimentos de uma certa importancia, que o não impediram comtudo de tomar parte nas recitas que lhe competiam.

✱

Segundo vemos em uma correspondencia de Roma para o nosso presado collega *O Seculo*, o papa Pio X está-se interessando calorosamente pela reforma da musica sacra, de maneira a restituir-lhe a gravidade e distincção que tinha no passado.

Parece que Sua Santidade confia muito no maestro Perosi, director da Capella Sixtina, para levar a cabo o seu projecto.

E ainda a proposito d'este, allude o correspondente de *O Seculo* ao rebaixamento a que chegou entre nós a musica religiosa, transformada bastas vezes nos nossos templos em intermezzos d'opera e phantasias do mais ruim gosto.

E' exacto infelizmente e não é menos exacto que são culpados n'esse desacato os parochos que não sabem fazer respeitar a sua igreja e as irmandades que não hesitam em patrocinar pompas balôfas, mas regateiam miseravelmente... o dinheiro da musica.

Haveria muito que dizer...

A ARTE MUSICAL  
Publicação quinzenal de musica e theatros  
LISBOA

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1.º DE JULHO DE 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

**Cursos nocturnos**

As aulas abriram a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli se fazer examé e cursos da Escola para fazer ou não examé á vontade dos alumnos.

**PROFESSORES**

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,  
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,  
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos



**OSCAR BRANDSTETTER**  
LEIPZIG  
Grandes officina  
de IMPRESSÃO DE MUSICA  
em todos os generos  
*Litographia, Typographia*  
*Autographia*  
Composição mechanica  
*Machinas rotativas*  
Installações especiaes  
para grandes tira-  
gens

**LISBOA ELEGANTE**

Casa especial de  
gravatas, colla-  
rinhos e pu-  
nhos.

**M. C. ALVES**

NOVIDADES

DE

LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

**TRIDIGESTINA LOPES**

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

A associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

**PHARMACIA CENTRAL**

**De F. LOPES**

108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa



# CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e *sympathica*, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

## AUGUSTO D'AQUINO

### Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, HAMBURGO**

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen

» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

**Rua dos Correeiros, 92, 1.º**

## PROFESSORES DE MUSICA

<b>Adelia Heinz</b> , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
<b>Alberto Lima</b> , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
<b>Alberto Sarti</b> , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
<b>Alexandre Oliveira</b> , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
<b>Alexandre Rey Colaço</b> , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
<b>Alfredo Mantua</b> , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
<b>Andrés Goni</b> , professor de violino, <i>Praça do Príncipe Real, 31, 2.º</i>
<b>Antonio Soller</b> , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
<b>Candida Cilia de Lemos</b> , professora de piano e orgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
<b>Carlos Gonçalves</b> , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
<b>Carlos Sampaio</b> , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
<b>Eduardo Nicolai</b> , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
<b>Ernesto Vieira</b> , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
<b>Flora de Nazareth Silva</b> , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
<b>Francisco Bahia</b> , professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
<b>Francisco Benetó</b> , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
<b>Irene Zuzarte</b> , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
<b>Isolina Roque</b> , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
<b>João E. da Matta Junior</b> , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
<b>Joaquim A. Martins Junior</b> , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
<b>José Henrique dos Santos</b> , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
<b>Léon Jamet</b> , professor de piano, orgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
<b>Lucilia Moreira</b> , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
<b>M.<sup>me</sup> Sanguinetti</b> , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
<b>Manuel Gomes</b> , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
<b>Marcos Garin</b> , professor de piano, <i>Rua de S. Bento, 98, 1.º</i>
<b>Maria Margarida Franco</b> , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
<b>Maria da Piedade Reis Farto</b> , prof. de piano e violino, <i>R. Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
<b>Octavia Hansch</b> , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
<b>Philomena Rocha</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
<b>Rodrigo da Fonseca</b> , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
<b>Victoria Mirés</b> , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

## A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias .....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

*Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração*

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA